

DEUS DEMASIADAMENTE HOMEM: UMA INVESTIGAÇÃO
SEGUNDO LUDWIG FEUERBACH

João Victor Ponciano

Psicanalista. Professor e coordenador do programa de pós-graduação em Psicanálise e Filosofia pela Universidade Positivo (UP) – nível lato sensu. Doutorando em Filosofia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), na linha de pesquisa gênero, raça e colonialidade. Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR), na linha Ontologia e Epistemologia. Especialista em Ética e Direitos Humanos pela Faculdade Vicentina (FAVI). Bacharel em Filosofia pela Faculdade Vicentina (FAVI).

Resumo

Este artigo buscará discutir questões postas por Ludwig Feuerbach sobre a dicotomia entre consciência e alienação, sujeito e subjetivação, pensamento e religião. Segundo o filósofo alemão, uma característica central dos seres humanos é a capacidade de pensar por meio de um exercício filosófico, que resultaria em uma espécie de emancipação do sujeito. Entretanto, outra característica própria da humanidade é a criação de deuses e instituições, como a religião. Nossa intenção é investigar qual a razão dessa criação e até que ponto postular a existência de um ser ou de seres transcendentais interferiria no processo de emancipação desses indivíduos. É possível traçar um caminho que converge entre a religião e o exercício do pensamento filosófico? Mais do que apresentar soluções, esta investigação tem como principal objetivo provocar questões acerca das problemáticas aqui levantadas.

Palavras chaves: Consciência, Religião, Alienação, Deus e Homem.

Abstract

This article will seek to discuss questions posted by Ludwig Feuerbach, about the dichotomy between consciousness and alienation, subject and subjectivation, thought and religion. According to the German philosopher, a central characteristic of human beings is the ability to think through a philosophical exercise, which would result in a kind of emancipation of the Subject. However, another characteristic of humanity is the creation of gods and institutions such as religion. Our intention is to investigate the reason for this creation, and to what extent would postulating the existence of a transcendental being or beings interfere in the process of emancipation of these individuals? Is it possible to trace a path that converges between religion and the exercise of philosophical thought? More than presenting solutions, this investigation has as its main objective to provoke questions about the problems raised here.

Keywords: Consciousness, Religion, Alienation, God and Man.

O pensamento como primeiro motor da humanidade

Ao tecer a pergunta existencialista que dialoga estritamente com a questão central da antropologia filosófica, a saber, quem somos nós? De largada, podemos fazer um breve mergulho no mundo grego e resgatar uma prévia resposta aristotélica quando, em *A Política*, aponta uma definição do homem. Segundo Aristóteles, o homem é naturalmente um animal político que fala, isto é, um ser que se diferencia dos outros animais pelo fato de que este animal, o homem, pensa, raciocina e, a partir daí, consegue estabelecer um vínculo social por meio da transmissão daquilo que se pensa, gerando assim uma comunicação entre esses seres. (ARISTOTE, 1982, I, 2).

Dessa maneira, podemos deduzir que o que distingue os outros seres vivos do "homem" seria a possibilidade⁷ de pensar. Destarte, o discurso oral, por sua vez, pode ser pensado como resultado de um encaminhamento direto do pensamento à fala ou alguma forma de comunicação. Logo, percebemos que Aristóteles teria razão ao apontar o homem como um animal político que fala. O pensamento e a linguagem seriam praticamente indissociáveis e caracterizariam o ser humano.

Platão (1991, p. 263e), no contexto dialógico do Sofista, afirma que o pensamento se define como "diálogo interior e silencioso da alma consigo mesma". A partir desse pressuposto, podemos cogitar que o homem se autoafirma quando faz uso daquilo que o define como homem, isto é, quando pensa e se comunica. Entretanto, vale ressaltar que seu pensar se pauta em um ato puramente reflexivo, quando este ser dialoga, reflete consigo mesmo. A este exercício, a tradição filosófica chamará de consciência filosófica.

O significado que esse termo tem na filosofia moderna e contemporânea, embora pressuponha genericamente essa acepção comum, é muito mais complexo: é o de uma relação da alma consigo mesma, de uma relação intrínseca ao homem, "interior" ou "espiritual", pela qual ele pode *conhecer-se* de modo imediato e privilegiado e por isso *julga-se* de forma segura e infalível. Trata-se, portanto, de uma noção em que o aspecto *moral* – a possibilidade de autojulgar-se – tem conexão estreita com o aspecto teórico, a possibilidade de conhecer-se de modo direto e infalível. (ABBAGNANO, 2000, p. 185).

Destarte, com a faculdade do pensar, atingimos, por intermédio de uma reflexão interior do ser consigo mesmo, a uma consciência filosófica, desembocando assim nos pilares da moral⁸. Dialogar consigo mesmo a fim de encontrar a melhor forma de agir, refletir internamente

⁷ Optamos pela palavra possibilidade, enquanto conceito Aristotélico, pois a potência seria a possibilidade de concretude do ato. No que diz respeito ao pensar, pode haver circunstâncias que impossibilita o homem de exercer aquilo que o define como animal racional, como por exemplo, é o caso de crianças que nascem sem o cérebro, ou de pessoas que ao atingirem determinada idade, são diagnosticadas com Alzheimer, chegando ao dado momento de não somente perde o crivo da racionalidade como também o esquecimento de dar um simples passo para frente ou para trás.

⁸ Está relacionado à doutrina ética, como também à conduta e, portanto, suscetível de avaliação. (ABBAGNANO, 2000, p. 682).

sobre o dilema que se apresenta, fazer ou não fazer, são todas questões que se encontram no coração da moral.

Diante do quadro posto, podemos evidenciar o fato de que a ausência da reflexão, a negação da faculdade do pensamento e a aceitação de tutores externos que determinam como devo agir, o que devo pensar e o que não posso pensar nem mesmo realizar, atrofia ou até mesmo nega a própria natureza humana. Se a diferença do sujeito pensante em relação a outros seres é o pensar, sem o exercício dessa capacidade, isto é, sem a possibilidade de fazer uso de sua liberdade dada por uma ação autorreflexiva, ou, se quiserem, sem um fazer filosófico, este ser está fadado a se tornar um prisioneiro.

Kant, na modernidade, aponta que tal ação, a de não se servir do próprio entendimento, é um símbolo de um ser covarde (se entendermos a covardia como oposição à coragem), pois este não ousa servir-se de si mesmo sem a direção de outro ser.

Esclarecimento [<Aufklärung>] é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dela não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. Sapere aude! Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento [<Aufklärung>]. (KANT, 1985, p. 100).

Tendo em vista que a investigação deste trabalho perpassa pela premissa de que o ser humano se autoafirma por intermédio da consciência filosófica, é interessante perceber que durante o desenrolar da história, a negação desse ser sempre esteve presente. Em um combate da filosofia contra essa negação, pensadores se apresentam e apontam alguns males que possibilitam essa degeneração do homem. Entre estes, podemos dar voz a Ludwig Feuerbach, que, segundo Machado (2014, p. 15), "uma das maiores preocupações de Feuerbach é o de promover um 'resgate' do homem - que tem sua essência negada pela doutrina teológico-religiosa".

Dessa forma, fica evidente que o cerne do principal problema da negação do ser passa pela religião. Segundo Feuerbach, o homem cria um novo ser semelhante a si, isto é, Deus, e a teologia, por sua vez, inverte os papéis, tornando Deus um ser externo e oposto à humanidade, trazendo como consequência essa negação do ser, por intermédio da falta de consciência de si, permitindo assim que o homem se rebaixe e a religião assuma como o controle como sua "nobre" tutora. Portanto, na perspectiva feuerbachiana, é função do filósofo dissolver a religião e promover ao homem, por meio do exercício do diálogo consigo próprio, uma autoafirmação, ou em termos kantianos, uma saída da menoridade, graças a essa consciência filosófica.

O antagonismo entre religião e a consciência moral

A maior parte, senão todas as civilizações, desde as mais antigas até as sociedades mais contemporâneas, possuem um traço em comum, a saber, a religião. Em toda organização social durante o percurso histórico da humanidade, é possível notar que em todas essas

organizações civilizacionais havia a presença da religião, seja manifestada por cultos e divinização dos elementos da natureza, ou por meio de organizações religiosas que tomam como centralidade deuses complexos e antropomorfizados (MACHADO, 2014, p. 16).

Diante desse quadro, podemos nos perguntar: como se dá o nascimento da religião? Sendo mais pertinente ainda, por que o homem cria a religião? Qual a necessidade? Os homens realizam suas primeiras buscas por respostas daquilo que não se conhece, primeiramente no além, para depois serem entendidas no aquém. Em uma angústia primitiva, vivendo uma extrema ansiedade, o homem busca, sem muitos aparatos, saber quem é ele, de onde veio, qual a finalidade de tudo ao seu redor, inclusive qual a razão de sua própria existência. E sem muitos dados concretos, por ter um conhecimento limitado, atribui suas respostas em algo exterior que muitas vezes não passa de uma manifestação da natureza ou em algo que ele mesmo cria, mas nem ele sabe o que é.

Através dessa sugestão apresentada pelo filósofo alemão, podemos deduzir que a religião é a primeira instituição a apresentar uma ideia que o homem tem de si e do mundo. Segundo Feuerbach (2009, p. 45), “em toda parte a religião precede a filosofia, tanto na história da humanidade quanto na história do indivíduo”. A religião torna-se o instrumento perfeito criado pelo homem para entender o mundo segundo sua perspectiva, mas também é uma excelente ferramenta que serve para aplacar nossos medos, angústias e sustos diante daquilo que ainda não conhecemos, ou conhecemos, mas não sabemos nos livrar diante daquilo que provoca medo e apelamos à religião.

É possível postular a incompreensão dos primeiros homens diante de fenômenos naturais, tais como os trovões, relâmpagos, tempestades, vulcões em erupções, dentre outros. Em um primeiro momento da humanidade, é compreensível pensar que não havia explicações científicas do que realmente estava acontecendo, pois, a ciência ainda não havia atingido seu ápice, se é que já havia nascido. Vale ressaltar que, ainda recentemente, isto é, em meados do século XVI, os detentores do conhecimento acreditavam que a terra era o centro do universo⁹. Como poderiam, então, saber durante os primeiros anos de existência humana o que era um fenômeno natural? Todavia, essas ações rotineiras da natureza eram e, em alguns casos, ainda são pensadas como se fossem forças superiores que agem arbitrariamente, e por isso, os homens passam a deificar a natureza, com vistas a controlá-la a partir de certos cultos. Conforme destaca Feuerbach:

Os povos mais rudes, por exemplo, na África, na Ásia do Norte e na América temem [...] os rios, especialmente nos lugares em que formam redemoinhos perigosos ou quedas. Ao passarem por tais lugares pedem

⁹ A revolução Copernicana constituiu-se no processo histórico que redundou na substituição do sistema geocêntrico pelo heliocêntrico.

perdão ou batem-se no peito ou oferecem sacrifício à divindade irada. (FEUERBACH, 2009a, p.39).¹⁰

Dessa maneira, podemos perceber algo muito peculiar no que diz respeito aos cultos e, conseqüentemente, à aderência a uma religião. Estamos falando do sentimento de medo frente ao desconhecido, diante do que não se consegue explicar ou dominar. Tendo em vista esse sentimento, Feuerbach destaca minuciosamente outros sentimentos que afetam o indivíduo e o impulsionam à criação da religião, ou até mesmo à criação de Deus ou deuses. Outro sentimento primitivo que funciona para explicar essa necessidade do homem religioso é a gratidão. Toda vez que o religioso alcança seu objetivo, a gratidão o comove e faz com que sejam realizados grandes cultos e oferendas a seus deuses. O que podemos perceber é que o sentimento religioso nos revela uma característica essencial, que é tão somente a dependência. O fato de sermos seres finitos, carentes e repletos de necessidades, isto é, plenos de faltas, faz com que essas dependências, que de certa maneira passam pelo medo e pela angústia, culminem na criação da religião (MACHADO, 2014, p. 17).

Sentimento de dependência ou finitude são então o mesmo sentimento. Mas o sentimento de finitude mais delicado, mais doloroso para o homem, é o sentimento ou a consciência de que ele um dia acaba, de que ele morre. Se o homem não morresse, se vivesse eternamente, não existiria religião. [...] somente o túmulo do homem é o berço dos deuses” (FEUERBACH, 2009a, p.46-47).

Portanto, de acordo com o pensamento feuerbachiano, as religiões existem na medida em que são úteis ao homem e ao contexto. Os cultos nascem a partir daquilo que os deuses oferecem ao homem, seja para livrá-lo do mal, seja para garantir algo ao homem. A religião é uma criação voltada para a humanidade; ela se resume naquilo que pode trazer de benefício para aqueles que a professam. A religião não é uma ligação do homem ao transcendente, mas uma ligação do homem com aquilo que ele deseja alcançar. Isso é perceptível quando analisamos um culto. Não é esse suposto deus que fala aquilo que ele quer falar, mas o discurso emitido parte do desejo daquele que emite o próprio discurso. A vontade de Deus é necessariamente a vontade de quem suplica a esse Deus. Não por coincidência, o diálogo com a divindade, em alguns contextos, se nomeia como prece, ou seja, uma súplica por algo ou um agradecimento por algum feito. A relação de Deus e humano se faz por via de uma barganha, a adesão à fé em troca da prosperidade e da "salvação". Estudar os deuses, seja qual for, inclusive o Deus cristão, é o mesmo que estudar o homem, afirma Feuerbach (2009, p. 29): "Teologia é antropologia".

¹⁰ Aqui estamos propondo uma leitura ou releitura da palavra “rude”, posta por Feuerbach, não a partir de uma visão eurocêntrica, que por sua vez, coloca outros povos como desprovidos de conhecimento, dando assim lugar aos europeus como portadores do verdadeiro conhecimento, pois discordamos totalmente de argumentos que colocam a Europa e, conseqüentemente, os europeus, como promotores da civilização do mundo. Mas dentro dessa linha de raciocínio que estamos trabalhando, propomos a leitura da palavra “rude” como um exemplo de comunidades antigas que tinham uma relação de delegar a natureza uma ação de uma deidade ou, até mesmo, postular que os próprios fenômenos naturais são deuses.

Curiosamente, torna-se importante enfatizar que, para Feuerbach, a religião, especificamente o cristianismo, possui lados positivos e negativos. Do ponto de vista positivo, ela faz com que o homem se compreenda melhor. Quando o homem religioso se identifica com seu deus, ele na verdade está se identificando consigo mesmo e compreendendo a si próprio, entretanto, em outro ser (não humano). Conseqüentemente, podemos abstrair o lado negativo, que seria a negação de si, que se dá por intermédio da alienação¹¹. Segundo Alves (2010, p. 71), “nisso consiste a alienação religiosa: tornar como Deus algo que, na verdade, é apenas expressão do próprio homem”.

Tendo em vista que o homem é um ser pensante que reflete dialogando consigo mesmo, exercendo sua capacidade fundamental que o diferencia dos demais seres e possibilitando uma ação moral, caso este indivíduo torne-se alheio a si mesmo, chegaremos à conclusão de que diante da religião, existe um risco de uma degeneração do próprio homem. Quando ocorre uma negação de uma de suas características mais elementares, que é o pensamento, onde sua ação parte não de um diálogo reflexivo consigo mesmo, mas sim nas regras postas pela religião, dada por um pseudo deus que, na verdade, é o próprio homem, este ser deixa de ser homem e torna-se uma espécie de animal adestrado¹². Declara com grande ênfase Feuerbach (1988, p. 34): “a origem da religião funda-se na diferença entre o homem e o animal, ou seja, na consciência do homem: os animais não têm nenhuma religião”. Assim, o elemento que marca a diferença entre o homem e o animal é a consciência.

A negação do Ser

No processo evolutivo da história da civilização, ocorre uma passagem geográfica das “cavernas” para um certo estilo de sociedade, e em todos os âmbitos, seja na política ou na economia, na educação como na religião, o simples dá lugar ao complexo. Feuerbach percebe certa diferença nas manifestações religiosas primitivas para o cristianismo, por exemplo.

Segundo Machado (2014, p. 20), o cristianismo “se transforma em uma máquina aglutinadora de crenças, dogmas e princípios que pressupõem a construção de verdades universais e indubitáveis; aqui ela deixa de ser “religião” e passa a ser “teologia”. Deus passa a

¹¹ Na linguagem comum, este termo significa a perda de posse, de um afeto ou dos poderes mentais. Durante a tradição filosófica, o termo alienação foi empregado com certos significados específicos. Para Feuerbach, este conceito possui uma tonalidade negativa, pois expressa aquilo que posteriormente Marx aprofundará (dentro do contexto do proletariado), que significa o processo pelo qual o homem se torna alheio a si, a ponto de não se reconhecer. (ABBAGNANO, 2000, p. 26).

¹² O mesmo fenômeno ocorre com movimentos políticos populistas que se convertem em regimes totalitários em sistemas democráticos. A força de um regime fascista que se ergue através de um aparato democrático, passa por um movimento de domínio através de comunidades de rebanho, ou se quiserem, em termos freudianos, o domínio de uma massa passa por via de uma psicologia das massas. Que é capaz de capturar os indivíduos, com o surgimento de uma entidade, ao se colocar em um lugar que representa as ilusões narcísicas, possibilitando um preenchimento das lacunas deixadas pelas feridas narcísicas existenciais.

ser compreendido como onisciente, onipresente e onipotente, infinito, imortal e ilimitado. Um deus que cria todas as coisas, inclusive o homem, que, particularmente, Deus o faz à sua imagem e semelhança. Com certa atenção, podemos perceber que há uma inversão da criação, por isso que Feuerbach aponta grandes diferenças entre as manifestações antigas em relação ao cristianismo, pois, se antes o homem criava seus deuses e empregava seus sentimentos e suas características aos deuses, agora com o cristianismo temos a promoção de um deus que transfere suas características aos homens (MACHADO, 2014, p. 21).

A problemática se encontra na negação do homem, devido à criação de um ser insistente, por intermédio da religião, pois, para que Deus brilhe, o homem deve se rebaixar. De acordo com Zilles (1991, p. 108), ao projetar a si mesmo, o homem aliena-se de si mesmo, gerando a divisão consigo mesmo. Então, a alienação religiosa, segundo Feuerbach, é tomar como Deus algo que, na verdade, é apenas expressão do próprio homem, ilusão, ídolo. Resta afirmar que o homem se desnatura com a religião, ou como dirá Feuerbach (1988, p. 311), “o homem sacrifica o homem a Deus”.

Deus é o ser infinito; o homem o finito; deus é perfeito; o homem imperfeito; deus é eterno; o homem transitório; deus é plenipotente; o homem impotente; deus é santo; o homem pecador; deus e homem são extremos: deus é o unicamente positivo, cerne de todas as realidades; o homem é o unicamente negativo, o cerne de todas as nulidades. (FEUERBACH, 2009b, p.63)

Percebendo-se fraco, finito, imperfeito, limitado, transitório, impotente, dentre outras "decadências", o Ser se nega para negociar com sua angústia e, conseqüentemente, projeta-se em um Ser que o "salvará" da miséria que é ser um humano. Nega-se o real, a vida e afirma-se no ilusório, na fantasia. Deus, por meio da religião, é criado para resolver os problemas do homem. A partir dessa perspectiva, tudo que passa a ser humano, demasiadamente humano, torna-se abominável. O que é carnal, material, do plano da existência concreta, torna-se inferior ao que é celeste. Por isso, é necessário aspirar às coisas do alto e negar a vida terrestre. O sexo, aquilo que gera prazer na carne, tudo que é associado à sexualidade e ao corpo, deve ser negado.

O homem exclui de si o mundo e com ele todas as ideias da causalidade, dependência e da triste necessidade; ele transforma os seus desejos, os interesses do seu coração em objetos do ser independente, plenipotente e absoluto, i.e, ele os afirma ilimitadamente. (FEUERBACH, 2009b, p.139).

Poderíamos fazer a seguinte questão: a troca de que negarmos a nós mesmos? Com que objetivo nos desvencilhamos da nossa realidade? Em vista de qual perspectiva negamos o mundo? A resposta seria a troca de interesses próprios. É preferível negar nossa natureza, optar pela alienação em prol de um paraíso eterno, com grandes júbilos e sem miséria. Essa é a aposta da humanidade: acreditar em um Ser que o recorrerá nas horas mais difíceis, em vez de materializar e suportar sozinho sua própria miséria. De um lado, a salvação e o aconchego; do outro, a lucidez que permite um encontro definitivo com o desamparo e a solidão. Optar por um Deus que é todo-poderoso e que, acima de tudo, ama suas criaturas, pois este se revela como seu

pai¹³, que o livrará de todas as angústias, é mais aceitável do que optar por aceitar nua e crua a realidade que se apresenta diante dos olhos da consciência, o vale de lágrimas que é a existência terrena.

Para ser contemplado por esse Deus, é necessário a negação da própria natureza humana. Segundo Feuerbach (2009, p. 185), parafraseando a lógica cristã: “a vida deste mundo é a vida obscura, incompreensível, que só se tornará clara no além; aqui eu sou um ser mascarado, complicado; lá cai a máscara: lá eu sou o que sou na verdade”.

Destarte, o cristianismo visa à moral como o meio e não como o fim. Portanto, o que está por detrás de tudo é o interesse egoísta do próprio homem. Ele não pauta suas ações em um agir de uma maneira desinteressada, mas sua ação pressupõe interesse de alcançar a felicidade plena, por via da salvação. A natureza humana é negada, rebaixada ao estatuto de criação e a vontade de um ser ilusório e perfeito, que mal sabe o homem, este ser não passa de uma projeção de si próprio.

A autoafirmação do Ser por meio da consciência filosófica

Ao passarmos pela filosofia de Feuerbach, perceberemos que a questão humana é o que conduz todos os seus escritos. Ao apontar a religião e, especificamente o cristianismo, como instrumento de atrofiação do Ser, perceberemos que seu pensamento levará a certa negação de Deus e, conseqüentemente, da religião. Entretanto, reduzir sua filosofia a um mero ateísmo seria limitar a riqueza de sua contribuição para a humanidade.

Segundo Machado (2014, p. 24), a intenção de Feuerbach "não é apenas a de acabar com a religião ou matar os deuses, há algo mais importante: a ascensão do homem". Enquanto a religião, e de modo peculiar o cristianismo, deturpa a ideia de homem, a filosofia feuerbachiana, por meio da consciência filosófica, afirma o próprio ser, colocando a proposta do cristianismo às avessas.

Tendo consciência de si, ousando experimentar do próprio entendimento, sendo autor e protagonista da sua própria história, aceitando suas limitações (aquilo que o Ser realmente é), adentramos no estágio onde o indivíduo se emancipa, por mais que penosa possa ser suas condições.

Apesar de ser mais fácil assumir diante do cosmos uma posição passiva, depender sempre do outro, onde os esforços não são necessários, a independência e a liberdade são imprescindíveis para um processo emancipatório que visa uma passagem para uma maioridade, em termos kantianos. Do contrário, o sujeito pensante não passará de animais miseravelmente adestrados. Um sujeito em condição de escravidão é dominado e obrigado a obedecer ao seu senhor e, mesmo nesta situação, este busca resistir para si autoafirmar.

13 No caso do cristianismo, a profissão de fé dos cristãos apresenta Deus como uma figura paterna.

É melhor sofrer do que agir, é mais agradável ser libertado e redimido por um outro do que libertar-se a si mesmo, é mais agradável fazer depender a própria salvação de uma outra pessoa do que da força da própria atividade [...] é muito mais cômodo refletir-se nos olhos fulgurantes de amor de um outro ser pessoal do que no espelho oco do próprio eu ou do que contemplar a fria profundidade do oceano tranquilo da natureza. (FEUERBACH, 2009b, p. 154).

Em uma ação dolorosa de autoafirmação, no desconforto de se desapegar do comodismo da "caverna" e ousar sair do subsolo para viver em vez de uma ilusão (um mundo das sombras), ousar conhecer e viver a vida que se apresenta a nós é o que Feuerbach propõe como processo de afirmação da vida. A crítica de Feuerbach, portanto, passa por atingir a ilusão e a ideologia que possibilita a alienação do ser, impossibilitado de viver o real. Segundo Alves (2010, p. 75), "ele crê que o homem pode se transformar através de uma postura crítica, só pela transformação da consciência". Feuerbach defende que se deve:

reconduzir a filosofia do reino das "almas penadas" para o reino das almas encarnadas, das almas vivas; de a fazer descer da beatitude de um pensamento divino e sem necessidades para a miséria humana. Para esse fim de nada mais precisa do que de um entendimento humano e de uma linguagem humana. (FEUERBACH, 1987, p. 38).

A filosofia está pautada no homem e tem por meta a vontade humana com todos os seus limites. Entretanto, só é possível pensar em um Ser autônomo e, conseqüentemente, em uma filosofia para este Ser, quando passamos a atingir a totalidade da essência humana: a sensibilidade e a razão. A única coisa que interessa é apenas o sensível e o racional, sempre unidos.

a nova filosofia começa com a proposição: sou um ser real, um ser sensível; sim, o corpo na sua totalidade é o meu eu, a minha essência. [...] o filósofo novo pensa em consonância com os sentidos. (FEUERBACH, 1987, p. 82).

Posteriormente, é possível perceber de certa forma uma continuidade dessa filosofia afirmativa da vida introduzida por Feuerbach, continuada na figura de Nietzsche. Frente à sua cultura, aos valores morais assegurados pelo cristianismo, que propõe uma negação da vida carnal a fim de priorizar o espiritual, Nietzsche rema contra a corrente e propõe novos valores para a vida que se distancia dos valores transcendentais, mas sim, valores que se configuram na imanência.

Dividir o mundo entre sombras e ideias, um real e um ideal como fez Platão e, em seguida, o cristianismo, é o início da catástrofe, dirá Nietzsche. Negar a vida por causa de outra vida que nem sequer tem certeza de sua existência, ou pelo menos não se prova empiricamente, parece desproporcional. Essa aposta parece ser desproporcional. O niilismo (a troca do real pelo ideal) manifesta-se como a maior dentre todas as patologias, pois este possibilita a criação de seres desprezíveis, covardes e fracos. Nietzsche afirmou (2000, p. 33): "cindir o mundo em um 'verdadeiro' e um 'aparente', seja do modo cristão, seja do modo kantiano (um cristão pérfido no fim das contas) é apenas uma sugestão da decadência: um sintoma de vida que decai".

Considerações finais

Notamos, durante todo esse percurso introduzido por nós, que Feuerbach nos apresenta grandes contribuições no campo do enfrentamento da alienação, bem como na proposta da elevação da consciência no sentido filosófico do termo. Aceitar nossos limites de sermos finitos, perceber nossas misérias como parte de nossa vida que permitirá um fortalecimento do Ser, um combate à covardia e levantar a bandeira da autonomia, ousando do próprio intelecto sem tutores, é o legado deixado por Feuerbach. Durante muito tempo, instituições como a religião ousaram dominar massas de subjetividades para sustentar seus interesses e suas ilusões. Agora cabe aos sujeitos ousar de suas próprias consciências, buscando um rompimento com a menoridade e a mediocridade.

A religião, tendo origem baseada no medo e na dependência, foram erros herdados da inocência e ingenuidade humana, que resultaram na criação de seres sobrenaturais. Não é porque não temos respostas claras, por exemplo, de onde viemos ou para onde vamos, se é que vamos para algum lugar, que devemos criar respostas desvinculadas da ciência para enxertar uma lacuna da existência. Falar do que não se sabe é ignorância. Falar do que não se sabe para dominar é tirania.

Feuerbach admite que seja próprio da essência humana ter religião, pois é o primeiro contato que o homem tem consigo mesmo. Entretanto, é papel da filosofia conscientizar que aquilo que chamamos de deus nada mais é do que o próprio homem fazendo uma espécie de projeção. Dessa maneira, o que propomos não é uma destruição da religião, mas a promoção da consciência, que possibilitará uma vida voltada para a vida, para as próprias relações sociais, que culminará no reconhecimento de si e do outro.

Bibliografia

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. Tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bossi; revisão da tradução e tradução dos novos textos Ivone Castilho Benedetti. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALVES, W. V. A crítica feuerbachiana da religião: um contributo à compreensão do conceito de alienação religiosa. **Revista Eletrônica Espaço Teológico ISSN 2177-952x**, p. 71-76, maio, 2010.

ARISTOTE. **La politique**. Tradução de J. Tricot. Paris: Urin, 1982.

FEUERBACH, L. **A essência do cristianismo**. Campinas: Papirus, 1988.

FEUERBACH, L. **A essência do cristianismo**. Tradução de José da Silva Brandão. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

FEUERBACH, L. **Princípios da filosofia do futuro**. Tradução de Artur Mourão; Lisboa: Edições 70, 1987.

KANT, I. **Textos seletos**. 2. ed. Tradução do original alemão por: Raimundo Vier; Floreando de Sousa Fernandes e Emmanuel Carneiro Leão. Petrópolis: Voses, 1985.

MACHADO, L.G.S. Homem, religião e natureza: o projeto da filosofia do futuro em Ludwig Feuerbach. **Revista Filogênese**, v. 7, n.2, 2014.

NIETZSCHE, F. W. **Crepúsculo dos Ídolos – ou como filosofar com o martelo**. Tradução de Marco Antonio Casa Nova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

PLATÃO. **Diálogos**: O Banquete, Fédon, Sofista, Político. 2. ed. Trad. J. Cavalcante de Souza, Jorge Paleikat e J. Cruz Costa. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Os pensadores)

ZILLES, Urbano. **Filosofia da Religião**. (Coleção Filosofia), São Paulo: Edições Paulinas, 1991.